



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DO CONSUMO
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS DO CONSUMO

VANESSA CRISTINA PEREIRA SILVA

**MULHERES OCUPANDO ESPAÇO NO COMÉRCIO AMBULANTE NO CENTRO
DO RECIFE**

Recife,
2020

VANESSA CRISTINA PEREIRA SILVA

**MULHERES OCUPANDO ESPAÇO NO COMÉRCIO AMBULANTE NO CENTRO
DO RECIFE**

Relatório de Projeto de Iniciação Científica (PIC) apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências do Consumo do Departamento de Ciências do Consumo, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientadora: Laura Susana Duque Arrazola

Recife,
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586m Silva, Vanessa Cristina Pereira
Mulheres ocupando espaço no comércio ambulante no centro do Recife / Vanessa Cristina Pereira Silva. - 2020.
22 f. : il.

Orientadora: Laura Susana Duque Arrazola.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Ciências do Consumo, Recife, 2023.

1. Trabalhadoras ambulantes. 2. Trabalho precarizado. 3. Modos de vida. I. Arrazola, Laura Susana Duque, orient.
II. Título

CDD 640

RESUMO

O presente relatório final de pesquisa, do Programa de Iniciação Científica/PIC trata de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. A questão ou problema de pesquisa foi: "quais os motivos que levam mulheres a escolherem formas precarizadas de geração de renda, mesmo enfrentando sua dureza em seu dia a dia". Seus procedimentos metodológicos foram: a observação *in loco* e entrevistas semiestruturadas com 07 mulheres ambulantes, sendo das quais 05 que trabalham no centro do Recife e 02 que trabalham no centro de Camaragibe. A pesquisa também buscou verificar os desafios enfrentados pelas mulheres ambulantes e o impacto dessa ocupação em suas vidas, levando em conta também as consequências geradas pela pandemia do novo coronavírus. O trabalho como ambulante é muitas vezes exaustivo, são muitas horas trabalhadas, locais inapropriados e renda obtida não compatível com seu esforço. Os resultados mostraram que o comércio ambulante na vida destas mulheres é uma alternativa viável para a obtenção de renda quando não se tem a oportunidade de possuir um emprego formal. Já para outras mulheres entrevistadas, ser ambulante é sinônimo de independência financeira, sentindo-se elas "donas de seus próprios negócios".

Palavras-chave: trabalhadoras ambulantes. trabalho precarizado. modos de vida.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
1.1	Justificativa	4
1.1.1	Problema de Pesquisa	5
1.2	Objetivos	5
1.2.1	Objetivo Geral	5
1.2.2	Objetivos específicos	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1	O trabalho informal no Brasil	6
2.2	Camelôs ou ambulantes?	8
2.3	Mulheres no mercado de trabalho	9
3	METODOLOGIA	11
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
4.1	Mulher, ambulante e mãe	13
4.2	Local de trabalho, rotina, e produtos vendidos	13
4.3	Escolaridade, passado e perspectiva para o futuro	15
4.4	Dificuldades enfrentadas, preconceito e assédio	16
4.5	Diretamente afetadas pela pandemia	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
	REFERÊNCIAS	20
	CRONOGRAMA	22

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório final do subprojeto de pesquisa MULHERES OCUPANDO ESPAÇO NO COMÉRCIO AMBULANTE NO CENTRO DO RECIFE, faz parte do projeto de pesquisa VIDA URBANA, PROCESSOS DE MUDANÇA E CONSUMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: SEGUNDO MOMENTO, o qual é coordenado pela professora Laura Susana Duque Arrazola do Departamento de Ciências do Consumo - DCC/UFRPE. O referido projeto está vinculado ao Programa de Iniciação Científica/CNPq/UFRPE (2019-2020) e aos Núcleos: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher – NUPEM e ao Núcleo de Estudos do Consumo e Economia Familiar – NECEF os quais fazem parte do Departamento de Ciências do Consumo - DCC/UFRPE. O universo de pesquisa do projeto está integrado por mulheres que trabalham como ambulantes no setor informal da geração de renda nos municípios de Recife e Camaragibe.

1.1 Justificativa

A inquietação em pesquisar o tema proposto no meu subprojeto de pesquisa surgiu a partir de observações feitas desde quando me vinculei ao curso de Ciências do Consumo em que disciplinas da Área “Estado, Sociedade e Relações de Consumo”, passaram a tratar questões relacionadas ao desenvolvimento humano dentre elas a disciplina de Consumo, Gênero e Desenvolvimento. A partir das leituras realizadas em sala de aula e da minha vivência diária, fui percebendo que nos últimos tempos houve um aumento no número de mulheres vendedoras ambulantes em alguns dos municípios em que transito na Região Metropolitana do Recife - RMR, a exemplo do centro do Recife, e no município onde eu resido, Camaragibe.

Visto isso, e percebendo as mudanças atuais no mundo do trabalho, em particular o crescimento do setor informal, surgiu o interesse em pesquisar sobre o tema. Considerei de grande relevância a questão, particularmente por escolher como universo de pesquisa, mulheres. O comércio ambulante atinge homens e mulheres e se faz presente em todo o Grande Recife, porém, para a pesquisa se escolheu o centro do Recife acrescentando, também, a cidade de Camaragibe. Outro fator levado em conta foi a chegada do coronavírus na Região Metropolitana do Recife, e posteriormente no interior do estado, em meados de março do ano corrente (2020), trazendo grande impacto para as atividades comerciais das cidades e mudando drasticamente a vida dos e das trabalhadores/as informais, em especial das mulheres ambulantes.

1.1.1 Problema de Pesquisa

Quais os motivos que levam mulheres a escolherem formas precarizadas de geração de renda?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar as determinações sociais que levam mulheres a escolher formas precarizadas de geração de renda.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar as redes de poder que envolvem o trabalho precarizado de ambulantes;
- b) Verificar os desafios de ser mulher e trabalhadora ambulante no centro de Recife e em Camaragibe;
- c) Captar os desdobramentos que o trabalho ambulante traz para a mulher e para a família em seus modos de vida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Dados quantitativos sobre o setor informal no Brasil, levantados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD do IBGE, materializam a dimensão da problemática em estudo, como mostra a matéria jornalística de Antônio Coelho e Priscila Aguiar, à respeito (2019). Coelho e Aguiar ressaltam o dado trimestral da PNAD do IBGE (2019) em que o estado de Pernambuco tinha o terceiro pior índice de desemprego dentre os outros estados do país. Quer dizer, que o desemprego no estado atingia 15,8% da população economicamente ativa/PEA, atrás de Amapá (16.7%) e Bahia (16.8%).

A condição de trabalho precário, sem direitos trabalhistas é categorizada por vários nomes a exemplo de “camelôs”, “ambulantes”, trabalho precário, informal. Embora esses nomes refiram-se a várias formas de trabalho geradores de renda e tenham estado sempre presentes nos países capitalistas dependentes, na fase do neoliberalismo e suas formas destrutivas, nos anos 90 acarretaram um forte processo de precarização das condições de trabalho, como explica Ricardo Antunes (1999) em seu livro “Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho”. Mediante a pesquisa, pretende-se apreender o impacto do trabalho ambulante na vida destas mulheres.

2.1 O trabalho informal no Brasil

O setor informal no Brasil abarca diversos tipos de trabalho, como por exemplo o dos/as ambulantes. Segundo o Programa Regional de Emprego para a América Latina e Caribe (PREALC) da OIT, citado por Singer e Pochmann, (2001, p. 13), o setor informal é composto por pequenas atividades urbanas, geradoras de renda, que se desenvolvem fora do âmbito formal, em mercados desregulamentados e competitivos. Esse tipo de atividade é realizada através de técnicas simples e mão-de-obra de pouca qualificação. Entretanto, tais condições se apresentam para as mulheres e homens ambulantes, como a saída para a sobrevivência e reprodução imediata de sua força de trabalho, dela ou dele, e seu grupo familiar.

O trabalho informal e ambulante tornam-se a saída para homens e mulheres desempregados/as, mesmo gerando empregos instáveis e rendas baixas, o que as mulheres ambulantes entrevistadas manifestaram viver e perceber. Ainda mais, mesmo os homens desempregados fazendo parte do trabalho ambulante, para as mulheres as marcas de gênero e

sua divisão sexual do trabalho e as marcas raciais estruturantes, as colocam em uma posição de maior subalternidade e dificuldades laborais.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD do IBGE (2019), durante o ano de 2019 a taxa de desemprego caiu em 16 estados, porém a taxa de informalidade aumentou em 20 estados. Ainda, segundo a referida pesquisa, a informalidade – soma dos trabalhadores sem carteira, trabalhadoras domésticas sem carteira, empregador/a sem CNPJ, conta própria sem CNPJ e trabalhador/a familiar auxiliar – atingiu 41,1% da população ocupada, o equivalente a 38,4 milhões de pessoas. A partir destes dados podemos perceber que a informalidade contribui para que a taxa de desemprego diminua, porém a precariedade do trabalho aumenta, reproduz-se sobre as condições de trabalho daqueles/as que vivem do trabalho informal.

Muitos dos trabalhadores e trabalhadoras do setor informal, a exemplo das ambulantes, vivem em condições de trabalho precarizadas. Como nos lembra Antunes (1999), aqueles que vivem do trabalho precarizado são desprovidos dos mínimos direitos do trabalho. Muitas vezes, para essas pessoas, trabalhar na informalidade possui suas vantagens, como por exemplo: fazer seu próprio horário, ser seu próprio ‘patrão’, escolher a forma como quer trabalhar e quais produtos vender. Porém, este tipo de ocupação traz diversos problemas e até danos à saúde, física e psíquica do/da trabalhador/a, falta de renda fixa, férias, décimo terceiro, dentre outros direitos conquistados pelos/pelas trabalhadores/as organizados/as, além de trazer também insegurança e tensões.

Segundo pesquisa sobre o mercado de trabalho das mulheres em Recife, realizada pelo Observatório do Trabalho do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos DIEESE, em 2011 estimou-se uma População Economicamente Ativa-PEA de 348 mil mulheres (47.2%). Delas, 295 mil (45.7%) eram mulheres ocupadas da PEA e 53 mil desempregadas (57.1%). Apesar do aumento no nível de escolaridade, os salários das mulheres permaneceram inferiores ao salário dos homens, sendo para as mulheres negras 60% do salário das não negras.

Quando se fala do mercado de trabalho no ano de 2020, não se pode deixar de citar o impacto que a pandemia tem causado pelo novo coronavírus, acarretando no mundo inteiro mudanças nos mercados, consumo e mundo do trabalho, e com o Brasil não foi diferente.

De acordo com a matéria publicada em maio de 2020 pela Folha de São Paulo, baseado em dados divulgados pelo IBGE, no trimestre encerrado em abril, das 4,9 milhões de vagas de emprego que foram fechadas no período, destas, 3,7 milhões eram informais. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística criou nesse período uma pesquisa intitulada

PNAD-COVID19, trazendo dados sobre a transformação causada pelo novo coronavírus. De acordo com a pesquisa realizada no início de junho, 18,2 milhões de pessoas não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, sendo a maioria das pessoas de cor preta ou parda. A partir dos dados percebemos que a pandemia causou e continuará causando uma grande transformação no mundo do trabalho, e como os informais já são uma categoria mais fragilizada, o impacto continuará sendo sentido mais fortemente.

2.2 Camelôs ou ambulantes?

Quando nos referimos aos trabalhadores do comércio informal, dois termos são frequentemente utilizados: camelôs e ambulantes. Na maioria das vezes, na linguagem popular, os dois termos são utilizados como sinônimos. Já na literatura, alguns autores dão o mesmo significado aos dois termos, e alguns os distinguem. Para Cleps (2003 apud KITAMURA *et al.*, 2007), os termos não são distintos, porém os comerciantes informais podem ser divididos em três grupos: 1) aqueles que trabalham em locais fixos e onde há grande circulação de pessoas. 2) os/as que trabalham periodicamente e se situam em áreas de lazer, principalmente nos finais de semana e feriados. 3) os que ficam próximos aos comércios formais quando há grandes eventos, como festas, por exemplo.

Montessoro (2006) em sua tese de doutorado cita os camelôs como sendo aqueles que já têm um ponto espacial físico estratégico para trabalhar, seja em bancas, nas ruas ou mesmo no camelódromo. Alguns autores/as designam os camelôs como aqueles/as que trabalham em um ponto fixo, e os ambulantes como sendo aqueles que se locomovem para poder vender seus produtos. De acordo com Singer e Pochmann:

Também conhecidos como ambulantes ou camelôs, são trabalhadores que exercem sua atividade em bancas ou barracas instaladas em diversos pontos da cidade, sobretudo nos locais de grande trânsito de pessoas, como estações de metrô ou trens (ou seus arredores), terminais rodoviários ou regiões centrais da cidade por onde passa, diariamente, um grande contingente de pessoas. (SINGER e POCHMANN, 2000, p. 43).

Na presente pesquisa, ambos os termos serão utilizados como sinônimos. Algumas das mulheres entrevistadas trabalham vendendo seus produtos em pontos fixos, já outras circulam pelas ruas para desenvolverem suas atividades de troca: compra-venda de mercadorias, aumentando desse modo o consumo de sua força de trabalho neste trabalho precarizado.

2.3 Mulheres no mercado de trabalho

A participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro iniciou seu crescimento a partir da década de 70, porém faz-se necessário recordar o trabalho feminino em tempos anteriores a este. No início do século XX, havia uma diferença entre o trabalho das mulheres de origem burguesa e pequena burguesia branca, também chamadas da classe média, e das mulheres da classe trabalhadora/classes populares negras, brancas, mestiças e indígenas. A mulher burguesa, em sua grande maioria, não estava inserida no mercado de trabalho, pois tinham que corresponder mais proximamente às exigências de submissão, recato e fragilidade a elas direcionadas (GARCIA *et al.*, 2010).

Por outro lado, as mulheres das camadas populares possuíam uma maior necessidade e liberdade para exercerem outros trabalhos, que não fossem o doméstico. Algumas delas não eram casadas, por exemplo, ou seus maridos não conseguiam exercer sozinhos o papel de provedor, por isso as mesmas exerciam tarefas como doceiras, babás, lavadeiras, engomadeiras e outros afazeres que assim surgissem.

No Brasil, vários são os fatores que levam às mulheres a ingressarem no mercado de trabalho, sobretudo a partir da década de 1970, época em que os movimentos de mulheres, em particular o movimento feminista, reivindicavam sua inserção no mundo do trabalho. Uma das razões foi a necessidade econômica das mulheres das classes subalternas que acabou obrigando as mulheres a buscarem atividades que pudessem complementar a sua renda familiar e o desejo de profissionalização das mulheres da pequena burguesia e/ou da chamada classe média de ingressar ao mercado de trabalho. Segundo Bruschini (1994), nos anos 70, a expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da industrialização, juntamente com a proliferação de novos produtos e sua grande promoção, caracterizou um momento favorável para que novos trabalhadores fossem incorporados no mercado de trabalho, inclusive as mulheres.

De acordo com o levantamento divulgado na “Síntese de Indicadores Sociais 2019 – Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira”, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de participação feminina no mercado de trabalho no ano de 2018 foi de 52,9%, enquanto a taxa masculina foi de 72,0%. Segundo o IBGE, “as mulheres estão desocupadas em maior proporção, têm menores rendimentos e estão mais sujeitas à informalidade do que os homens”. Segundo o Observatório das Metrôpoles – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, baseando-se em dados do IBGE, cerca de 200 mil novos ambulantes passaram a disputar as calçadas dos centros urbanos

somente entre 2014 e 2017. Período em que o número de brasileiros/as ganhando a vida como camelôs chegou a quase 1,7 milhão. Entre 2015 e 2017, 55,5% das pessoas que procuraram trabalho nas ruas como sobrevivência, eram mulheres.

3 METODOLOGIA

A presente é uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, porém dados quantitativos são usados, enquanto indicadores da problemática em estudo. Ao longo da pesquisa foram aplicados os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica de estudos e pesquisas já realizadas que abordam assuntos referentes aos temas trabalhados nesta pesquisa; levantamento de dados secundários; leitura de notícias referente ao setor informal no Brasil.

Posteriormente selecionaram-se os locais em que se entraria em contato com as mulheres trabalhadoras ambulantes. O centro do Recife foi o local principal para a observação *in loco* e as entrevistas, pois lá se encontra um grande centro comercial da cidade onde muitos/as ambulantes realizam seu trabalho. Paralelamente, a pesquisa também foi realizada no município de Camaragibe, localizado na Região Metropolitana de Recife – RMR, por ser o município de residência da pesquisadora, facilitando assim o contato com as ambulantes.

No primeiro momento da pesquisa de campo foi realizada a observação *in loco* e entrevistas semiestruturadas com as mulheres ambulantes que aceitaram ser entrevistadas, explicando para elas a garantia do anonimato e privacidade, a preservação do nome. Não foram muitas as entrevistadas, o que não foi nada fácil, dadas também as condições de trabalho: quantidade de horas trabalhadas, o local de comercialização de seus produtos, acompanhar a/o possível comprador ofertando-lhe o produto, preconceitos sofridos, dentre outros aspectos. As mulheres que aceitaram participar da pesquisa assinaram um termo de consentimento. Posteriormente, foram transcritas as entrevistas para a análise das mesmas, e o nome das entrevistadas foi substituído por nomes fictícios, visando assim sua privacidade. Este tipo de entrevista foi utilizado, pois como nos lembra May (2004) apesar de incluir perguntas pré-estabelecidas, a/o entrevistador/a tem uma maior liberdade para buscar respostas que vão além do que está sendo respondido pelos/as entrevistados/as.

De início, foram entrevistadas 07 mulheres, sendo 05 ambulantes que trabalham no centro do Recife, mais especificamente no bairro da Boa Vista, e 02 que trabalham em Camaragibe, no Bairro Novo do Carmelo. Aceitar ser entrevistada não é fácil entre as ambulantes pelas interrupções em razão da venda ou oferta do produto, pela tendência a dar respostas simplesmente afirmativas ou negativas.

Para o segundo momento da pesquisa novas leituras foram realizadas e novos dados mais atualizados foram utilizados, bem como outras observações que foram feitas. Por conta da pandemia do novo coronavírus COVID-19, mais entrevistas não puderam ser realizadas

para este momento final da pesquisa, devido ao isolamento social. Porém, através de outras pesquisas que estão sendo produzidas e matérias jornalísticas que estão sendo publicadas, foi possível, mesmo que não fisicamente, captar o impacto desse momento na vida das trabalhadoras ambulantes.

Com tudo, mesmo sendo um número limitado de entrevistas, conseguiu-se obter dados significativos e relevantes referentes à questão em estudo, segundo as diferenciadas condições de vida das trabalhadoras ambulantes entrevistadas. Ao contrário da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa se preocupa em captar e compreender o que qualifica o sujeito entrevistado/a em relação a suas experiências e condições de vida. Segundo Maria Cecília Minayo et al (2002):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares de cada entrevistada. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO *et al.*, 2002, p.21).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Mulher, ambulante e mãe

No momento das entrevistas, todas as mulheres estavam em seu local de trabalho, nos movimentados espaços das calçadas, praças e centro do comércio de varejo, lojas, magazines, barracas, entre outras, tanto nas ambulantes entrevistadas no centro do Recife, quanto às de Camaragibe.

As entrevistadas estão na faixa etária de 22 a 65 anos. Em relação ao seu estado civil, 04 afirmaram estarem solteiras, e 03 casadas. Referente ao número de filhos, 06 possuem filhos, e 01 não possui. A partir desses dados podemos observar as diferentes formas de ‘ser mulher’ nesta categoria social das mulheres trabalhadoras das classes subalternas: mulher, mulher mãe casada, mãe solteira ou não, trabalhadora, ambulante, escolarizada ou não. Realidade esta reveladora, também, da dinâmica contraditória das relações de gênero, classe e raciais na sociedade brasileira nordestina.

Vivemos em uma sociedade onde o homem, pela divisão sexual do trabalho, em sua grande maioria possui o papel de ser o provedor da família, e a mulher o papel de responsável por cuidar do lar e de filhos/as. Porém, quando esta mulher se torna a responsável, a chefe de família, por cuidar de seus/suas filhos/as, sem a presença de seu companheiro, ela passa a ter uma maior dificuldade de se inserir, ou de se manter, em um emprego formal, fator este que, muitas vezes, levam mães solteiras ao trabalho informal na sua forma particular do trabalho ambulante. Segundo Cristina Bruschini (1994) a insuficiência de equipamentos coletivos como as creches, limitam a saída da mulher para o trabalho formal remunerado. Contudo, devido à necessidade econômica, o exercício da maternidade em tempo integral fica inviabilizado, embora graças às relações familiares permita que outras pessoas da família, ou até mesmo vizinhas sejam acionadas para ficar com as crianças, enquanto ela, mãe, vai trabalhar.

Em determinados casos, por necessidade, a trabalhadora ambulante se vê obrigada a levar seus/as filhos/as para a rua. Observou-se que uma das entrevistadas do centro do Recife estava com suas duas filhas pré-adolescentes, enquanto trabalhava.

4.2 Local de trabalho, rotina, e produtos vendidos

A partir da observação realizada, percebeu-se que a grande maioria das pessoas que trabalham como ambulantes, tanto as mulheres, quanto os homens, exercem suas atividades em locais inadequados para seu trabalho. Maria, de 45 anos, vende garrafinhas de água no centro de Camaragibe e estava sentada na calçada de uma loja, com seu guarda-sol. Júlia, de 25 anos, estava sentada em um banco de plástico, em uma calçada no centro do Recife, vendendo docinhos. Por trabalharem nas ruas, elas ficam expostas ao sol, à poluição sonora e visual – igual os homens. Diferentemente destes, ficam expostas à violência nas ruas, como assaltos, por exemplo, e não raro ao assédio sexual como algumas das entrevistadas revelaram.

A partir da observação, percebi que as trabalhadoras ambulantes não possuem locais adequados para armazenar e acondicionar seus produtos. No horário do almoço, notei que vários/as ambulantes se alimentavam ali mesmo em seu local de trabalho, no calçadão ou espaço de sua locomoção de trabalho, o que pode levá-las a terem uma dieta alimentar não adequada, além de realizar o ato de alimentar-se sob estresse e tensão, repercutindo na sua saúde.

A rotina é exaustiva. Em muitos casos as mulheres não conseguem desenvolver sua atividade como ambulante próximo de suas residências, por isso tem que se locomover para locais onde a clientela é maior, como por exemplo o centro do Recife e o centro de Camaragibe. Isso faz com que elas tenham que gastar horas locomovendo-se, vindo de suas casas até seu local de trabalho, literalmente, a rua.

Em boa parte das famílias, são as mulheres que, pela divisão sexual do trabalho, fazem a maioria do serviço doméstico, o que deixa a rotina da mulher bem mais cansativa do que a do homem. Ela acorda cedo, faz os afazeres da casa antes de sair para trabalhar, como a preparação da comida. Quando chega à noite, ainda tem mais afazeres. De acordo com o IBGE, em 2018 as mulheres dedicaram, em média, 21,3 horas semanais com afazeres domésticos, e os homens 10,9 horas.

Em relação aos produtos vendidos, observou-se que, como dito anteriormente, as mulheres ambulantes costumam vender produtos alimentícios, melhor dizendo, produtos comíveis: quer dizer, não alimentam, mas comem-se e aplacam a fome. Dependendo do que está sendo vendido, o produto pode ter sido produzido pela própria ambulante, o que revela suas longas jornadas de trabalho precarizado. Algumas das entrevistadas vendem doces, água, frutas, e geralmente essas são as ambulantes que transitam pelas ruas, diferentemente das camelôs, que tendem a possuírem um local fixo e vendem objetos, como bolsas e óculos de sol, por exemplo.

4.3 Escolaridade, passado e perspectiva para o futuro

Das 07 ambulantes entrevistadas, apenas 03 delas possuem o Ensino Médio Completo. As outras 04 entrevistadas cursaram o Ensino Fundamental Incompleto. Duas das entrevistadas relataram que abandonaram a escola para poder trabalhar. Júlia, 25, que tem uma filha pequena, relatou que trabalha como ambulante há 11 anos pois “*deixei de estudar pra poder trabalhar*”.

Quando indagadas na entrevista sobre se já tiveram um emprego formal, 03 delas afirmaram que sim, e 04 relataram que sempre trabalharam na informalidade. Algumas delas relataram o interesse em retomar os estudos para conseguir um emprego formal ou, pela primeira vez, trabalhar de carteira assinada. No entanto, algumas disseram que se sentem bem como ambulantes, visto que elas “(..) fazem seu próprio horário e são donas do seu próprio negócio”.

Do processo vivido na realização das entrevistas, reforçou-se a percepção que pessoas que trabalham como ambulantes, nem sempre percebem o quão dura é a vida desta forma de trabalho gerador de renda. Ao perguntar às trabalhadoras ambulantes se trocariam essa forma de trabalho por uma outra, responderam:

“Eu gosto de trabalhar aqui, eu não voltaria não, ficava aqui”
(Carla, 51, já foi empregada doméstica).

“Acho que não, porque aqui eu ganho bem mais do que no formal”
(Isabel, 27, vendedora de óculos).

“Deixaria, dependendo do que fosse possível fazer, se eu soubesse fazer, aí eu vou” (Maria, 45, vendedora de água mineral).

“Depende do trabalho que eu ia ter e da renda, porque aqui na feira eu ganho e eu faço minha média, assim R\$1.500, R\$1.800 reais por mês, aí se fosse “saciado”(no sentido de ser maior) a isso, aí eu trocaria.” (Ana, 22, vendedora de frutas).

4.4 Dificuldades enfrentadas, preconceito e assédio

O dia a dia das trabalhadoras ambulantes no seu período de trabalho na rua, é marcado pela sua condição social de classe, racial e as relações de gênero. Vejamos:

Dona Isis, de 65 anos, e que atualmente vende água, refrigerantes e doces, revelou que as pessoas que transitam no centro do Recife, nem sempre concordam com o fato dos/das ambulantes trabalharem nas ruas. Quando perguntada se sofre dificuldades em seu dia a dia, ela relata:

“Muito, minha filha! A maior dificuldade é assim: a gente tá trabalhando e o fluxo de gente..., o pessoal reclama muito, porque é muita gente, a gente sente que tá atrapalhando um pouco o pedestre porque eles passam pra ir pro shopping, e aí ficam reclamando, falam que a gente deveria ter um lugar pra trabalhar, uma área só pra camelô, e que a gente não era pra estar na calçada.” (Ísis, 65).

Quando perguntadas se já tinham sofrido algum tipo de preconceito por ser mulher ou assédio no trabalho, 05 delas revelaram nunca terem sofrido, e 02 afirmaram que sim. Vale salientar que de acordo com o Relógio da Violência, do Instituto Maria da Penha, a cada 2 segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal no Brasil.

“Já sofri preconceito e assédio também, de todo mundo, tanto daqui (os outros ambulantes), quanto dos que chegam (os clientes). Normal, quer dizer, entre aspas né, às vezes é chato né, mas tem que ser normal no nosso trabalho.” (Isabel, 27).

4.5 Diretamente afetadas pela pandemia

As trabalhadoras ambulantes, que já enfrentavam muitas dificuldades em seu dia a dia, foram e estão sendo uma das categorias que mais sofreu com a pandemia do novo coronavírus. Por trabalharem diretamente nas ruas, as mesmas ficaram impossibilitadas de irem em busca da sua renda, pois uma das formas de evitar a contaminação com o vírus é manter o isolamento social. O indicado é que os trabalhadores e trabalhadoras exerçam suas funções através do *home office*, o que não é uma possibilidade para grande maioria dos informais.

“Logo fica pior que cemitério, daí eu vou ficar em casa. Fazer o quê?”. Maria de Fátima, 53, vendedora de tapiocas na saída do Metrô Santa Cecília – SP, março de 2020.¹

Foi possível perceber através de relatos de ambulantes, em algumas entrevistas televisivas, que para elas a situação ainda é mais difícil, pois dependendo da forma como a família em que ela se encontra está organizada, a mulher ficou ainda mais sobrecarregada. Muitas das ambulantes que possuem filhos, por exemplo, também estão tendo que ajudá-los em suas atividades escolares, o que acaba sendo uma função complicada, pois como vimos anteriormente, muitas não conseguiram ter a oportunidade de estudar, por diversos motivos.

As ambulantes vendem mercadorias diversas, dentre elas produtos alimentícios, que às vezes são produzidos por elas mesmas. Porém, por causa da pandemia, não é possível comercializar determinadas comidas nas ruas, sendo assim, as ambulantes precisaram inovar os seus produtos. Muitas delas viram a possibilidade de conseguir renda através da produção e venda das máscaras de tecido que estão sendo largamente utilizadas. Outra mudança foi no local de comercialização, pois as que precisavam fazer um grande deslocamento entre seu local de moradia e seu local de trabalho, estão vendendo no próprio bairro em que residem. Vale salientar que, mesmo com o isolamento social, algumas ambulantes, por necessidade, foram às ruas trabalhar, ficando assim diretamente expostas ao vírus.

Outro impacto gerado pela pandemia do COVID-19 foi na renda mensal das trabalhadoras informais. Como vimos anteriormente na fala de uma das entrevistadas que é vendedora de frutas no centro de Camaragibe, sua renda ficava entre R\$1.500,00 a R\$1.800,00 por mês. Porém, por conta da pandemia, a renda mensal da maioria das ambulantes caiu de forma drástica, já que para não se contaminar, elas não poderiam ficar expostas à aglomerações. Com isso, o Governo Federal criou um auxílio emergencial que é destinado aos trabalhadores/as informais, microempreendedores/as individuais (MEI), autônomos e desempregados, no valor de R\$600,00, valor este que está distante da renda que as ambulantes costumavam ter antes da pandemia, interferindo diretamente no seu modo de vida.

¹ Trecho retirado de uma matéria pertencente ao site Gênero e Número, cujo título é: Trabalhadoras informais temem não ter como alimentar os filhos em crise do coronavírus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados na fase inicial da pesquisa, pode-se perceber através das entrevistas, a materialização das teorias dos autores estudados. Ao longo do tempo, houve um aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho de diferentes formas e por diversas razões. No caso das ambulantes, o que as levou às ruas foi a necessidade de possuir uma renda, mesmo que sob a forma de trabalho precarizado. Idade, raça, influência da família, estado civil, dentre outros aspectos, são fatores de grande influência na vida dessas mulheres.

A partir das respostas das entrevistadas e a observação realizada, é notório que mesmo trabalhando em condições precarizadas, esse tipo de trabalho traz uma certa “autonomia financeira” para a mulher. Por não conseguirem, ou por não terem interesse em trabalhar no setor formal, como foi relatado nas entrevistas, o setor informal acaba sendo a única saída para que elas possam possuir sua própria renda. Muitas vezes as mulheres são mães e não contam com a presença paterna na criação dos seus filhos, o que as leva a conseguir renda sob formas precarizadas de trabalho e muitas vezes é nas ruas que elas conseguem trabalhar. Além disso, existe o caso das mulheres que buscam sua independência financeira, para não serem dependentes financeiramente de seus cônjuges ou familiares. Ou seja, são diversos os motivos que fazem com que uma mulher vá, por necessidade ou por escolha, trabalhar como ambulante.

No contexto da pandemia mundial do COVID-19, com as notícias referentes às consequências geradas pelo novo coronavírus, vemos que o setor informal de geração de renda é um dos mais afetados negativamente, o que trouxe mais dificuldades para a vida das trabalhadoras ambulantes. Suas rotinas passaram por grandes mudanças, visto a necessidade do isolamento social, impossibilitando-as de venderem seus produtos nas ruas. Porém, as mulheres que trabalham no setor informal, ou as que precisaram ir para o setor informal por conta da pandemia, precisaram buscar estratégias para conseguir adquirir renda para poder sobreviver. Uma das soluções provisórias foi a confecção e venda de máscaras de tecido.

Apesar de não ter sido realizada uma pesquisa comparativa entre homens ambulantes e mulheres ambulantes, fica evidente que a rotina das mulheres ambulantes, na maioria das vezes, é muito mais cansativa e desgastante. Além do trabalho nas ruas, elas têm a obrigação, pela questionada divisão sexual do trabalho, de realizar os afazeres domésticos, e como foi citado anteriormente, as mulheres passam em média o dobro do tempo que os homens passam realizando os afazeres domésticos. Visto os aspectos observados, nota-se quais aspectos levam

mulheres a escolherem formas precarizadas de trabalho para obtenção de renda.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 1999. 258 p.

BERTHO, Helena. Como trabalhadoras informais estão sendo afetadas pela pandemia do coronavírus no Brasil. **Marie Claire**. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2020/03/como-trabalhadoras-informais-estao-sendo-afetadas-pela-pandemia-do-coronavirus-no-brasil.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRUNO, Maria. Trabalhadoras informais temem não ter como alimentar os filhos em crise do coronavírus. **Gênero e Número**. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/trabalhadoras-informais-temem-nao-ter-como-alimentar-os-filhos-em-crise-do-coronavirus/>. Acesso em: 29 mar. 2020.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, ano 2. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/16102-Texto%20do%20Artigo-49548-1-10-20101105.PDF>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CETRONE, Camila. “Não temos opções”: trabalhadoras informais relatam queda de até 70% na renda. **Brasil Econômico**, 2020.

COELHO, Antônio; AGUIAR, Priscila. Recife tem pior taxa de desemprego entre as capitais brasileiras, diz IBGE. **G1 Pernambuco**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/11/19/recife-tem-pior-taxa-de-desemprego-entre-as-capitais-brasileiras-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2020.

FERREIRA, Luciano. Prefeitura apresenta estudo sobre o mercado de trabalho das mulheres no Recife. **Prefeitura do Recife**. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/27/06/2012/prefeitura-apresenta-estudo-sobre-o-mercado-de-trabalho-das-mulheres-no-recife>. Acesso em: 25 abr. 2020.

GARCIA, Diego; CAGLIARI, Arthur. Oferta de vagas informais entra em colapso e mercado de trabalho perde seu maior pilar. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/oferta-de-vagas-informais-entra-em-colapso-e-mercado-de-trabalho-perde-seu-maior-pilar.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2020.

GARCIA, Marcos *et al.* “Mulheres guerreiras”: identidade feminina e profissional entre vendedoras ambulantes da cidade de São Paulo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.13, n. 1, p. 27–42, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v13n1/v13n1a04.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, Rio de Janeiro, 2019.

KITAMURA, Camila *et al.* O comércio e serviços ambulantes: uma discussão. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v.8, n. 23, p. 20–26. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15656/8855>. Acesso em: 12 fev. 2020.

LOSCHI, Marília. Desemprego cai em 16 estados em 2019, mas 20 têm informalidade recorde. **Agência IBGE Notícias**, 2020.

MONTESSORO, Cláudia. **Centralidade urbana e comércio informal: os novos espaços de consumo no centro de Anápolis-GO**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

NERY, Carmen. Desemprego cai para 11,9% na média de 2019; informalidade é a maior em 4 anos. **Agência IBGE Notícias**, 2020.

NETO, João. Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas. **Agência IBGE Notícias**, 2019.

POCHMANN, Mário; SINGER, Paul. **Mapa do trabalho informal: Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

RIBEIRO, Bruna; WERNECK, Mariana. Trabalho ambulante feminino na dianteira da vulnerabilidade. **Observatório das Metrópoles, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia**, 2019.

Trabalho: desocupação, renda, afastamentos, trabalho remoto e outros efeitos da pandemia no trabalho. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – PNAD – COVID19**, 2020.

CRONOGRAMA

	2019					2020						
	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J
Pesquisa e revisão bibliográfica; Realização de reuniões com a equipe de pesquisa; Orientações; Levantamento de dados secundários; Fichamento; Pesquisa de campo.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Elaboração dos instrumentos de pesquisa: roteiros de observação, roteiros de entrevistas.				X	X	X			X	X		
Registro das idas ao bairro; Entrevistas <i>in loco</i> ; Observação <i>in loco</i> ; Sistematizações; Análise das entrevistas; Participação em eventos.		X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Elaboração do relatórios parcial e final.							X	X			X	X